

# O fotojornalismo durante o Sidonismo: estudo dos critérios de noticiabilidade da *Ilustração Portuguesa* (1917-1918)<sup>1</sup>

*Photojournalism during Sidonism: study of the news values of Ilustração Portuguesa (1917-1918)*

**Jorge Pedro Sousa**

Universidade Fernando Pessoa e ICNOVA  
jpsousa@ufp.edu.pt  
ORCID ID: [0000-0003-0814-6779](https://orcid.org/0000-0003-0814-6779)

**Helena Lima**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
hllima@letras.up.pt  
ORCID ID: [0000-0003-3023-6412](https://orcid.org/0000-0003-3023-6412)

**Fátima Lopes Cardoso**

Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa  
(ESCS-IPL), UAL & ICNOVA.  
mlcardoso@escs.ipl.pt  
ORCID ID: [0000-0002-7093-7881](https://orcid.org/0000-0002-7093-7881)

**Resumo:** O regime de Sidónio Pais promoveu uma encenação pública do poder centrada no chefe. Ao tempo, o fotojornalismo era já uma prática consolidada, ganhando expressão na *Ilustração Portuguesa*, única revista ilustrada de informação geral que circulava em Portugal. De que maneira o discurso fotográfico refletiu, cronologicamente, a marcha do tempo e a coreografia do poder orquestrada pelo Sidonismo e como é que isto se entrelaçou com, ou afetou, os princípios da noticiabilidade e os critérios de valor-notícia? Esta investigação procura responder à questão, recorrendo a uma análise do discurso qualitativa das manifestações fotográficas do Sidonismo na referida revista. Concluiu-se que o discurso fotográfico da *Ilustração Portuguesa* alimentou o mito de Sidónio Pais, afetando o imaginário e a memória histórica, e que os critérios de noticiabilidade foram influenciados de maneira a acomodar o discurso mediático à situação política. A notoriedade da personagem sobrepôs-se a outros valores-notícia.

**Palavras-chave:** Sidónio Pais; fotografia; fotojornalismo; *Ilustração Portuguesa*; noticiabilidade.

**Abstract:** Sidónio Pais' regime implemented a public performance of power centered on the chief. At the time, photojournalism was already a consolidated practice in *Ilustração Portuguesa*, the only illustrated magazine that then circulated in Portugal. How has the photographic discourse chronologically reflected the march of time and the choreography of power orchestrated by Sidonism, and how has this intertwined or affected the principles of newsworthiness and news values criteria? This research seeks to answer to the starting question, through out a qualitative discourse analysis of photographic manifestations of Sidonism in that magazine. It was concluded that the photographic discourse of *Ilustração Portuguesa* fed the myth of Sidónio Pais, affecting the imaginary and historical memory, and that the criteria of newsworthiness were affected in order to accommodate news media discourse to the political situation. The notoriety of the character overlapped any other news values.

**Keywords:** Sidónio Pais; photography; photojournalism; *Ilustração Portuguesa*; newsworthiness.

## Introdução

A ascensão ao poder de Sidónio Pais foi o produto fortuito de uma conjura armada. Os unionistas de Manuel Brito Camacho, ala direita dos republicanos, conspiraram para remover do poder os democráticos de Afonso Costa<sup>2</sup> pela força das armas, com financiamento da alta burguesia e de grandes proprietários (Oliveira Marques, 1995). O improvável<sup>3</sup> líder que encontraram, perante a indefinição de Camacho, foi o major Sidónio Pais (Ramos, Sousa e Monteiro, 2009), um destacado republicano, membro do Partido Unionista, maçom, germanófilo, ex-presidente da Câmara de Coimbra (1910), ex-deputado (1911), ex-ministro do Fomento e ex-ministro das Finanças (1911-1912), ex-embaixador de Portugal em Berlim (1912-1916), e professor catedrático de matemática da Universidade de Coimbra, onde chegou a vice-reitor. Um homem “sincero e reto” que cria ter sido “incumbido de uma missão providencial” (Bourdon, 1973, pp. 170-172).

1 Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto PTDC/COM-JOR/28144/2017 — Para uma história do jornalismo em Portugal.

2 O chamado Partido Democrático era, na verdade, o velho Partido Republicano Português, depois da cisão de unionistas e evolucionistas, situados mais à direita do espetro político, em 1912.

3 Tão improvável que, apesar de sinalizado como opositor à situação, nunca foi incomodado pelo poder (Oliveira Marques, 1995, pp. 569-570).

Da posição de diferentes historiadores (Bourdon, 1973; Oliveira Marques, 1995; Ramos, 2001; Saraiva, 2003; Ramos, Sousa & Monteiro, 2009; Telo, 2011) pode fazer-se a seguinte síntese dos fatores que impulsionaram a conspiração camachista-sidonista:

- a) O radicalismo violento e jacobino do Partido Democrático, de Afonso Costa, que via no Estado um instrumento dos seus próprios fins de monopolização do poder na República, e cuja ação política e governativa gerou, entre 1910 e 1917, forte instabilidade política e agitação social;
- b) A crise económica e financeira e a crise de abastecimentos, motivadas pela guerra, que conduziram a greves e revoltas, algumas delas sangrentas<sup>4</sup>;
- c) A revolta de uma fatia considerável das Forças Armadas, provocada pela inépcia dos políticos do Partido Democrático de Afonso Costa na condução da intervenção portuguesa na I Guerra Mundial e pela incompreensão dos mancebos mobilizados para o Corpo Expedicionário Português, arrancados ao seu lar e à sua família, que deixavam, muitas vezes, desamparada, para irem combater uma guerra que não consideravam deles, numa terra que nada lhes dizia;
- d) A raiva surda dos católicos, que constituíam a maioria da população, contra o radicalismo anticlerical dos democráticos e a sua contínua política de hostilização da Igreja, que só abrandou após a intervenção oficial de Portugal na guerra, dada a necessidade de provimento de apoio religioso às tropas;
- e) A esperança popular no fim da guerra, no regresso dos soldados e no fim da epidemia de pneumónica, que se expressou no fenómeno místico de Fátima, entre maio e outubro de 1917, logo explorado pela Igreja Católica.

O golpe militar liderado por Sidónio Pais ou, conforme o designa Oliveira Marques (1995, p. 570), a “rebelião antidemocrática”, teve lugar entre os dias 5 e 8 de dezembro de 1917, provocando cerca de cem mortos e quase 500 feridos. Sidónio, a quem, mais tarde, o seu admirador Fernando Pessoa chamaria, num poema, “Presidente-Rei”<sup>5</sup>, ascendeu à liderança do país. “Era ainda um desconhecido. Ia tornar-se um mito”, escrevem Ramos, coord. Sousa & Monteiro (2009, p. 609). Manteve o poder durante cerca de um ano, até ser assassinado por um militante democrático mentalmente descompensado, a 14 de dezembro de

4 Por exemplo, a 15 de julho de 1915, a GNR provocou 15 mortos e 20 feridos em Lamego, entre agricultores que protestavam contra o tratado comercial firmado entre Portugal e Inglaterra; a 19 de maio e a 12 de julho de 1917, revoltas populares e saques de lojas provocadas por rumores da falta de pão provocaram dezenas de mortos e feridos.

5 “À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais”, poema de Fernando Pessoa.

1918. Afonso Costa, líder do Governo, e o Presidente da República, Bernardino Machado, tiveram de abandonar o país.

A República Nova imaginada por Sidónio seria presidencialista, nacionalista, assistencialista, populista, (re)conciliada com a Igreja Católica — e autoritária. Aparentava, contudo, ser democrática. Mas o historiador Albert-Alain Bourdon (1973, p. 168) não hesitou em classificá-la como uma “ditadura antiparlamentar”. Também Oliveira Marques (1995, p. 509) considera que Sidónio instaurou “uma ditadura militar”, pelo menos até ser eleito Presidente, em abril de 1918.

Para se legitimar, Sidónio dirigiu-se a “todos”, ao “povo”, e não somente aos seus partidários, contrariamente ao que tinham feito os líderes republicanos, entre 1910 e 1917. Assegurou o apoio dos dois principais líderes republicanos de 5 de outubro de 1910, Machado dos Santos e José Carlos da Maia, e até do líder carbonário Luz de Almeida, mas foi sempre rejeitado pelos partidos republicanos tradicionais, nomeadamente pelo mais violento, o Partido Democrático, que entre 1910 e 1917 dominou o Estado.

Os excluídos pelo poder republicano radical dos democráticos aproximaram-se de Sidónio, incluindo católicos e monárquicos. O novo líder da República formou um Partido Nacional Republicano para organizar os seus apoiantes, que seria, na sua visão, um partido de “homens de bem” (Saraiva, 2003, p. 107). Instituiu o sufrágio universal e foi eleito Presidente da República com o voto de 58% dos recenseados. No Parlamento e no Senado, o seu partido conseguiu representação maioritária, mas os partidos republicanos tradicionais não concorreram às eleições. Os monárquicos asseguraram uma forte representação parlamentar, ainda que minoritária.

Ciente de que o seu poder dependia do Exército, profundamente descontente com a intervenção de Portugal na Frente Ocidental, Sidónio Pais impediu o reforço do contingente nacional em França<sup>6</sup> e começou a fazer regressar ao país as tropas do Corpo Expedicionário Português, tendo os primeiros mil soldados chegado logo a 16 de abril. Com o apoio do Exército, Sidónio resistiu a revoltas orquestradas pelos democráticos, a 8 de janeiro e 12 de outubro de 1918, a uma greve operária, em junho de 1918, e a uma violenta greve anarquista, em novembro do mesmo ano. A 16 de outubro, vários presos políticos que iam ser transferidos viram-se envolvidos num tiroteio, em Lisboa, de origem ainda incerta<sup>7</sup>, durante o qual seis pessoas morreram. A 5 de dezembro, atentaram contra a vida do Presidente; e a 14, assassinaram-no.

6 Na verdade, o reforço do contingente português em França tornou-se difícil por força do desvio dos navios para o transporte de tropas norte-americanas para o teatro de operações europeu. Oliveira Marques (1995: 570-571) alimenta, porém, uma posição diferente: “A influência de pacifistas e de germanófilos, ao nível ministerial, a colaboração de soldados e oficiais que se recusavam a ir combater, tudo isto fez diminuir o esforço de guerra e sabotar o moral das tropas”.

7 Os opositores a Sidónio disseram que se tratou de uma conspiração do regime para liquidar opositores; os sidonistas disseram que se tratou de uma tentativa malsucedida de libertação dos presos.

Embora, inicialmente, Sidónio Pais tenha promovido a abertura e a reconciliação nacional, formou os seus grupos armados (os “lacraus”), mais ou menos clandestinos, instituiu o embrião do que seria uma polícia política, aprisionou opositores e reinstalou a censura à imprensa. Procurou satisfazer os agricultores subindo o preço dos bens agrícolas, o que logo se refletiu nos preços em geral, mas também desenvolveu políticas assistencialistas (ficou célebre a “Sopa do Sidónio” — cantinas públicas onde os pobres podiam comer), de cariz populista, e procurou garantir os abastecimentos com uma política de racionamento e inspeções frequentes, ainda que nem sempre tenha conseguido combater os açambarcamentos e o mercado negro. As condições de vida, aliás, não melhoraram. Oliveira Marques (1995, pp. 569-570) acusa mesmo o regime sidonista de ter aumentado a “confusão política e administrativa”, intensificado a “instabilidade governamental”<sup>8</sup>, introduzido o “caos na administração pública”, de não ter tido quadros capazes de resolverem os problemas do país, que se teriam complicado, e de somente se ter imposto “pelo terror”<sup>9</sup>.

O regime que Sidónio instituiu, cujo “único cimento” seria ele (Oliveira Marques, 1995, p. 569), ruiu com o seu assassinato, a 14 de dezembro de 1918, prenunciado pelo atentado malsucedido de 5 de dezembro. Labourdette (2001, p. 546) salienta, em acréscimo, que a força do Sidonismo assentava, em última análise, “na personalidade carismática daquele a quem alguns consideravam um novo D. Sebastião”<sup>10</sup>. Por isso, um Sidonismo sem Sidónio não se tornou viável.

Durante o seu consulado, Sidónio Pais adquiriu “uma auréola popular”, apresentando-se com “o libertador dos pesadelos coletivos”, de quem se esperava “o fim da guerra, o fim da agitação interna, o fim do conflito com a Igreja e o reatamento de relações com a Santa Sé, o fim da política partidária, que se desacreditara, e a (...) reconciliação nacional” (Saraiwa, 2003, p. 107). Entendendo, certamente, o poder da construção e gestão de uma imagem pública adequada às expectativas populares, “compôs uma figura de caudilho, fardado, com um protocolo vistoso, sempre rodeado pelos jovens cadetes (...). Dispôs-se a contactar diretamente a população. Viajou de norte a sul. Fez discursos (...). Muita gente ficou impressionada pelas manifestações populares à sua volta” (Ramos, Sousa & Monteiro, 2009). Exibiu, ainda, o Exército, de cujo apoio necessitava, em paradas aparatosas. A mesma descrição é, no essencial, feita por Oliveira Marques (1995):

8 Três remodelações ministeriais num só ano.

9 Terá sido uma reação ao terror imposto ao país pelos democráticos de Afonso Costa.

10 Fernando Pessoa identifica claramente Sidónio com “o desejado” D. Sebastião no final do seu poema em memória do “Presidente-Rei”: “E no ar de bruma que estremece | (Clarim longínquo matinal!) | O DESEJADO enfim regresse | A Portugal!”

Sidónio Pais, galante e bravo, elegante no seu uniforme militar, atraindo como poucos as massas em seu redor, suscitando devoções pessoais e fervorosas e adesões de todas as fileiras. Verdadeiro herói popular, para muitos um novo D. Sebastião, sobrepondo à legalidade constitucional os arbítrios da sua vontade, corrigindo os desmandos dos seus partidários com gestos românticos de perdão e de liberdade, Sidónio e o seu regime, fértil em desfiles militares, em cavalgadas pelas ruas e em receções brilhantes, eram bem o oposto da República (...) puritana, dominada pelo racionalismo maçónico e simbolizada por um Teófilo Braga modestamente vestido, de guarda-chuva no braço e deslocando-se de eléctrico<sup>11</sup>. A mística do “chefe” que tão importante se iria revelar mais tarde encontrou em Sidónio o seu primeiro representante no nosso século XX (Marques, 1995, pp. 569-570).

Durante a I República, a imprensa teve uma força considerável na sociedade portuguesa (Matos, 2014) e aderiu ao sedutor e cativante espetáculo encenado pelo poder sidonista (Sousa, 2013, pp. 183-190; Saldanha, 2018). Sidónio instrumentalizou os *media* para a promoção política e propaganda ideológica (Sousa, 2013: 183-190), mesmo que a censura e a autocensura tenham constrangido a ação dos jornalistas e contribuído para tornar jornais e revistas em recetáculos acríticos da cenografia do Sidonismo. O mito sidonista e o culto de personalidade devotado ao Presidente, possivelmente, não se teriam imposto sem a imprensa. O papel da imagem na propaganda já tinha sido interiorizado e compreendido<sup>12</sup>. Ainda que a informação noticiosa de atualidade, nas suas diversas modalidades, das breves aos *sueños*, passando pelas fotonotícias, dominasse os periódicos, colocando em evidência critérios de seleção de informações centrados no valor noticioso (Sousa, 2008; Matos, 2014), as escolhas também podiam ser influenciadas por critérios políticos, nomeadamente pelo alinhamento de editores e jornalistas com o regime, com a sua personagem central e com a coreografia do poder que rodeava Sidónio.

A coreografia sidonista do poder impôs-se, pois, no imaginário social (Saldanha, 2018),

11 Oliveira Marques refere-se à famosa fotorreportagem de Joshua Benoliel sobre o quotidiano do novo chefe-de-Estado após a imposição da República, publicada na *Ilustração Portuguesa* a 17 de outubro de 1910.

12 No contexto da I Guerra Mundial, o político republicano Magalhães Lima escreveu o seguinte no jornal *O Mundo*, a 10 de agosto de 1917: “A propaganda interna está, a meu ver, por fazer. Não há dúvida que (...) civilmente pouco ou nada se tem feito e o povo é que tem sofrido esta falta com o seu intento cívico — o povo mais do que as outras classes sociais. Quer sob o ponto de vista interno, quer sob o externo, eu adotaria de preferência a gravura e o cinematógrafo como os dois grandes e principais fatores de propaganda moderna, porque é essa propaganda que interessa a todos os indivíduos e que se fixa com mais facilidade na retina das crianças, para as quais devemos olhar em vista do futuro (...). Penso que é sobretudo preciso imprimir à propaganda a unidade de pensamento e de ação que lhe tem faltado até hoje, porque a propaganda dispersiva, como se tem feito, dá apenas poucos resultados; pode ser mesmo às vezes contraproducente.” No jornal *O Século*, a 20 de junho de 1917, exigia-se que a Secção Fotográfica do Exército Português “à semelhança do que fazem as suas congéneres dos outros exércitos aliados, inunde, por assim dizer, e sem perda de tempo, a imprensa dos aliados e neutros”. A 1 de julho de 1917, no mesmo jornal, escrevia-se: “o Exército Português tem na sua frente o seu serviço fotográfico feito à custa do Estado (...), mas (...) nada lucra com isso, porque a obra de propaganda (...) é (...) inutilizada por um favoritismo moral”. O autor referia-se ao excesso de imagens de oficiais e políticos — inclusive estrangeiros — realizado por essa Secção (na verdade, pelo fotógrafo Arnaldo Garcês), em detrimento das imagens da ação dos soldados portugueses na frente de batalha.

com a cumplicidade da grande imprensa de informação geral, e teve um aliado específico no fotojornalismo (Sousa, 2013, pp. 183-190).

Ao tempo, o fotojornalismo era já uma atividade consolidada, ganhando particular expressão nas revistas ilustradas de informação geral, que tinham grande sucesso em Portugal (Sousa, 2017). Durante o consulado sidonista, porém, a única revista ilustrada de informação geral que circulava em Portugal era a *Ilustração Portuguesa*<sup>13</sup>, na qual dois repórteres fotográficos se destacaram nesse período: o pioneiro da fotorreportagem portuguesa, Joshua Benoliel (1873-1932), colaborador fotográfico permanente da revista, que interrompeu a atividade em dezembro de 1918; e o seu substituto, Anselmo Franco (1879-1965).

Tendo em consideração a conjuntura descrita e os estudos sobre a encenação pública do poder sidonista (Sousa, 2013, pp. 183-190; Saldanha, 2018), o problema de partida desta investigação materializa-se em duas perguntas:

1. Qual foi a narrativa fotográfica do período sidonista construída pela revista *Ilustração Portuguesa*, que era, à época, o principal palco do fotojornalismo nacional?
2. Até que ponto a noticiabilidade dos acontecimentos durante o período sidonista se moldou — se é que se moldou — à encenação visual do poder montada por Sidónio Pais e centrada na sua figura?

A investigação, centrada no estudo das manifestações fotográficas noticiosas do período sidonista na revista *Ilustração Portuguesa*, teve, pois, por objetivos:

1. Descrever, diacronicamente, a narrativa fotográfica desse período, conforme foi expressa nessa publicação;

13 A revista semanal *Ilustração Portuguesa* foi publicada, a partir de 1903, pela empresa do jornal *O Século*, um periódico republicano, sob a direção dos jornalistas Carlos Malheiro Dias (até 1910) e Silva Graça (1910-1922), entre outros. Apresentava-se sob o lema “Revista Semanal dos Acontecimentos da Vida Portuguesa”, apesar de incluir bastante informação internacional. Os números publicados entre 1917 e 1918 e analisados nesta investigação são da segunda série desta revista, de formato 28 cm x 18 cm e 32 páginas. O periódico inseria abundantes fotografias. A imagem ocupava cerca de 70% da superfície da revista, de acordo com a contabilização de Proença e Manique (1990: 14). Nela colaboraram, na cobertura do Sidonismo, o pioneiro do fotojornalismo português Joshua Benoliel e o fotojornalista Anselmo Franco. A qualidade do papel em que era impressa a *Ilustração Portuguesa* diminuiu ao longo da Grande Guerra e, durante a conflagração, a revista foi forçada a reduzir o número de páginas, dando, a 10 de abril de 1916, a seguinte justificação aos leitores: “Como a todos os jornais (...) chegou à *Ilustração Portuguesa* (...) a crise do papel e do zinco (...). O primeiro custa cerca de três vezes mais caro e o segundo mais de quatro vezes!”. Por isso, “A *Ilustração* mantém o seu preço, mas [terá] (...) umas páginas menos” (p. 466). A 2 de maio de 1917, explicava que o papel estava quatro vezes mais caro e que o zinco para a fotogravura estava seis vezes mais caro, pelo que o aumento das tiragens que a *Ilustração Portuguesa* registava já não era motivo de celebração, mas sim de preocupação, pelo que fixava a tiragem máxima em 25800 exemplares (p. 274).

2. Sincronicamente, aplicar a grelha interpretativa sobre a noticiabilidade construída por Nelson Traquina ao estudo de manifestações fotográficas noticiosas daquele período na citada revista, com os objetivos secundários de aclarar quais foram: (a) os valores-notícia imanentes aos acontecimentos associados ao Sidonismo que contribuíram para a sua seleção como notícia; (b) os valores-notícia contextuais que facultaram a seleção desses acontecimentos; e (c) os valores-notícia que nortearam a transformação daqueles acontecimentos em notícias gráficas.

Partiu-se das seguintes hipóteses:

1. A seleção dos acontecimentos que foram objeto de cobertura fotográfica pela *Ilustração Portuguesa* refletiu a conjuntura do período sidonista e o viés ideológico do Sidonismo;
2. Tendo em conta as circunstâncias particulares do período sidonista e a ideologia do Sidonismo, as fotografias publicadas na *Ilustração Portuguesa* contribuíram, a seu modo, para o engrandecimento do regime sidonista e para o culto da personalidade devotado a Sidónio Pais.

A metodologia usada na investigação, de natureza qualitativa, combinou três procedimentos. A primeira operação consistiu na apreciação conjunta, sistemática e temporalmente organizada das fotografias referentes ao período sidonista publicadas na revista *Ilustração Portuguesa*. Observaram-se os casos fotográficos particulares, mas procurou-se, na sucessão destas singularidades, encontrar os “padrões de significado” (Scheufele, 2008, p. 969), as “estruturas de significado coerentes” (Scheufele, 2008, p. 967), que traduzissem, por indução reconstrutiva, globalmente, a narrativa fotográfica do período sidonista na revista *Ilustração Portuguesa*.

A segunda operação consistiu na seleção e recolha de exemplos para a construção do *corpus* de fotografias a analisar. Os exemplos fotográficos foram selecionados tendo em conta o seu potencial para ancorarem, pela sua *representatividade* (Scheufele, 2008, p. 969), a reconstrução indutiva da narrativa foto-discursiva da *Ilustração Portuguesa* sobre o período sidonista e justificarem o seu estudo particular. Na seleção, consideram-se as ideias da hermenêutica cultural não crítica (Palmer, 1969; Ricoeur, 1987; Gadamer, 1999), na interpretação dada por Maidment (1996), autor que sustentou que as imagens nas revistas ilustradas devem ser analisadas tendo em consideração o tema, a linguagem, o contexto e os textos a que se referem. Escolheram-se, pois, fotografias que, pela sua representatividade, constituíssem o que se podem considerar exemplos-padrão (Scheufele, 2008, p. 969), à luz das seguintes variáveis:



1. O momento histórico em que as fotografias foram obtidas, já que se pretendeu construir uma amostra que desse conta das representações fotográficas do período sidonista do início ao fim;
2. O motivo das fotografias, ou seja, o que as fotografias “mostram”, em concreto (personagens, ações...), e a sua linguagem gráfica (plano, composição, movimento...);
3. O instante da obtenção das fotos (instantâneo do acontecimento, foto pós-acontecimento, foto pré-acontecimento);
4. A singularidade a que as fotografias se referem, considerando a moldura histórica constituída pela cronologia dos principais acontecimentos do período sidonista, ou seja, o assunto particular evocado pela foto e pelo texto associado, plasmados numa materialidade unificada — a peça jornalística;
5. As dimensões das imagens fotográficas, tal como foram paginadas na revista *Ilustração Portuguesa*, por razões técnicas, relacionadas, exclusivamente, com a possibilidade de reprodução das imagens obtidas, desde que as quatro primeiras variáveis fossem atendidas;
6. A variedade autoral, para se incluírem na amostra fotografias de vários autores, sem sacrificar as quatro primeiras variáveis.

O *corpus* empírico foi, assim, composto com base numa amostra arbitrária por casos notáveis, que Wimmer e Dominick (1996, p. 70) consideram ser uma “amostra estratégica”. Enquanto amostra estratégica, é não probabilística, mas sistemática, já que foi construída, sistematicamente, em função da notabilidade e representatividade detetada nas fotografias selecionadas para o *corpus*, de acordo com os princípios de variação determinados. São amostras admissíveis na investigação em comunicação, quando se procura “compreender processos e não populações” (Hayes, 2008, p. 4451).

O terceiro procedimento consistiu na apreciação singular de cada uma das fotografias integrantes da amostra, no contexto de publicação (isto é, tendo em conta o tema e o texto da matéria em que surgiram inseridas), para delas deduzir — ou seja, chegar a uma verdade particular a partir de uma verdade geral — os padrões de noticiabilidade que possam ter motivado a sua publicação, de acordo com a proposta teórica de Nelson Traquina (2002).

Teve-se em consideração que o conteúdo das fotografias, embora possua elementos materiais manifestos e observáveis, nunca é totalmente explícito e que o sentido das imagens inferido pelo observador é fluido e depende do contexto ideológico e cultural que rodeia

este último (Vilches, 1987), embora, nesta investigação, o carácter subjetivo da interpretação tenha sido compensado pela análise do *corpus* por três investigadores, daí resultando uma interpretação intersubjetiva.

Consideraram-se, na investigação, as fotografias quer como produtos jornalísticos gráficos, cuja função é providenciar informações, sob uma forma imagética, a um conjunto de leitores; quer como objetos culturais que representam e difundem um *imaginário* sobre o mundo e, no caso concreto em apreço, sobre o período sidonista, capaz de ativar os mitos associados ao Sidonismo e a Sidónio<sup>14</sup> e de “despertar lembranças” que participam da *memória coletiva* (Leite, 1992, 1993).

### 1. A noticiabilidade segundo Nelson Traquina

Nelson Traquina (2002, p. 187 e p. 276) explicita que “as notícias apresentam um ‘padrão’ geral bastante estável e previsível”, sendo a “previsibilidade do esquema geral das notícias” decorrente da “existência de critérios de noticiabilidade”, que muito têm a ver com o facto de os jornalistas constituírem uma “comunidade interpretativa”<sup>15</sup>, sujeita, como tal, a

14 Operativamente, concebeu-se a noção de *imaginário* como um conjunto de representações partilhadas, no caso sobre singularidades iconográficas do mundo material visível, que, no seio de uma determinada cultura, contribuem para dar coesão a uma comunidade, podendo funcionar como índices, ícones e mesmo símbolos, por vezes míticos, de uma determinada era. Embora tributária de autores como Roland Barthes (1971, 1984a, 1984b, 2006), ele próprio tributário do linguista Ferdinand de Saussure (no livro póstumo *Curso de Linguística Geral*, de 1916), Philippe Dubois (1991), Gilbert Durant (1988, 1997, 1998) e Michel Mafesolli (1998), a definição operativa do conceito de *imaginário* é própria. O imaginário é, na definição operativa aqui proposta, composto por um conjunto de signos, confluentes (sobre uma determinada realidade material, ou determinado assunto) ou divergentes (sobre diferentes realidades materiais, ou diferentes assuntos), que são partilhados por uma determinada comunidade. Esses signos, que nesta investigação ficam restritos aos que são exclusivamente fotográficos, podem ter a natureza de *índices* (existe uma relação de contiguidade entre significante e significado: por exemplo, um retrato realista de Sidónio Pais conserva uma espécie de “vestígio” deste ator social); *ícones* (existe uma relação de semelhança entre significante e significado, por exemplo, o mesmo retrato de Sidónio tem uma relação de semelhança com o indivíduo que, nos momentos em apreço, existiu e se manifestou no mundo material que existe para além do sujeito recetor); e *símbolos* (existe uma relação arbitrária entre significante e significado, por exemplo, o retrato de Sidónio Pais pode funcionar como símbolo do Sidonismo e ativar o *mito* associado à personagem). Por isso, uma mesma fotografia pode ser mais denotativa e icónica ou mais conotativa e, portanto, mais simbólica. Quando funciona como símbolo, a imagem pode converter-se em *mito*, ou seja, numa segunda significação do significado, como explicou Barthes. Por exemplo, uma fotografia de Sidónio distribuindo presentes pelas crianças pode contribuir para a edificação do *mito* de que todo o período sidonista foi de feliz assistência aos seres mais frágeis da sociedade. Por *representação visual*, consideraremos a tradução, em fotografia de valor indiciático e/ou icónico, de um aspeto da realidade visível e material que existe para além do sujeito. Ou seja, considera-se que existe uma realidade material para além do sujeito que a traduz em imagens-índices e imagens-ícones e que também é independente do sujeito que interpreta essas imagens. Embora uma imagem possa substituir, como ideia, o aspeto visível da realidade a que se refere, pode ter uma ambição denotativa e, portanto, icónica, conservando relações de semelhança com esse aspeto da realidade a que se refere. Realidade e representações coexistem e para se apreender a primeira é necessário recorrer às segundas, sob a forma de imagens ou de signos verbais.

15 O conceito de comunidade interpretativa e sua interpretação ao jornalismo não é de Nelson Traquina. Foi Lindlof (1988) quem, pela primeira vez, teorizou sobre as “comunidades interpretativas”, a partir da noção de “pensamento de grupo” (Janis, 1983). Na sua opinião, as práticas de comunicação mediada dão lugar a comunidades que procedem

fenómenos de pensamento de grupo<sup>16</sup>. A idêntica conclusão tinha chegado Stephens (1988, pp. 33-35). Provando que os temas das notícias dos primeiros periódicos continuam, em grande medida, a ser os temas das notícias no jornalismo atual, Traquina (2002, pp. 174-176) lembra, aliás, que as notícias sobre celebridades, assassinios, catástrofes, acontecimentos insólitos, guerras e batalhas, heróis e trocas comerciais, entre outros temas, sempre tiveram lugar nos jornais, desde o século XVII. A noticiabilidade seria, assim, de acordo com Nelson Traquina (2002):

o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, de possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou um assunto, são suscetíveis de se tornar notícia, isto é, serem julgados como transformáveis em matéria noticiável, por isso, possuindo “valor-notícia” (Traquina 2002, p. 173).

Baseado, principalmente, em Galtung e Ruge (1965), Ericson, Baranek e Chan (1987) e Wolf (1987), Nelson Traquina (2002), lembrando Bourdieu (1997), nota que existem dois tipos de critérios de noticiabilidade: (1) os critérios de seleção; e (2) os critérios de construção.

os valores-notícia de seleção referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na seleção de um acontecimento (...). Os valores-notícia de seleção estão divididos em dois subgrupos: a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário nessa construção (Traquina, citando Wolf, 2002, pp. 186-187).

Os parâmetros enunciados por Traquina (2002) estão também em consonância com a tabela de critérios enunciada por Brooks, Kennedy, Moen & Ranly (1988), que referem os valores impacto, proximidade, atualidade, proeminência, conflito e novidade. De acordo com estes autores, o valor atualidade está presente maioria das notícias selecionadas, uma vez que está diretamente ligado aos processos e agendamento de notícias. O valor proximidade

de determinadas formas em função de convenções específicas. Estas comunidades seriam interclassistas e formar-se-iam “nas esferas da vida nas quais a ação social requer a aplicação pragmática da tecnologia dos meios ou do conteúdo” (Lindlof, 1988, 81). Barbie Zelizer (1993) aplicou, teoricamente, o conceito ao jornalismo. Sousa (1997) demonstrou, a propósito, na primeira pesquisa em Portugal que usa o conceito, que os fotojornalistas na editoria de Fotojornalismo da Agência Lusa agiam como comunidade interpretativa para vários assuntos (Sousa, 1997).

16 Conforme a noção avançada por Janis (1983).

está também presente nas lógicas de seleção e construção da notícia, uma vez que por meio deste se estabelecem os fenómenos de relacionamento com os públicos. Em termos de noticiabilidade, o critério conflito é igualmente um elemento quase sempre presente, dados os procedimentos profissionais e o imperativo de reportar os diferentes ângulos da notícia. A narrativa jornalística com base em conflitos pode incidir sobre casos evidentes e de grande impacto, como guerras ou lutas sociais, ou temáticas que remetem para posicionamentos divergentes como noticiários políticos e mesmo notícias sobre sociedade ou desporto, que envolvem fontes diversas com perspectivas opostas sobre o mesmo acontecimento.

Segundo Traquina (2002, pp. 187-198), os valores-notícia de seleção (cf. tabela 1) são os seguintes: morte; notoriedade; proximidade; relevância (ou impacto); novidade; fator tempo/atualidade, cabide noticioso; notabilidade; surpresa; conflito ou controvérsia; infração; e escândalo.

**Tabela 1**

*Valores notícia de seleção — critérios substantivos*

<b>Valores-notícia</b>	<b>Conceito</b>
Morte	A morte atrai a atenção e contribui para explicar o negativismo do noticiário.
Notoriedade	A notoriedade e celebridade dos protagonistas, o seu lugar privilegiado na hierarquia social, gera interesse noticioso.
Proximidade	Os acontecimentos geográfica e culturalmente próximos mais provavelmente se convertem em notícia.
Relevância	Acontecimentos que têm impacto sobre a vida das pessoas, ou que afetam ou mobilizam mais gente, têm mais hipóteses de se tornar notícia, tal como os acontecimentos sucedidos em países importantes (pela sua dimensão, número de habitantes, peso nas relações internacionais, etc.) ou ocorrências em que os mesmos estejam envolvidos.
Novidade	O que é novo, ou uma nova perspectiva sobre um acontecimento do passado, tem valor noticioso. Os jornalistas, como diz Traquina (2002: 189), são sensíveis à primeira e à última vez.
Tempo	O que é atual tem mais possibilidades de se tornar notícia.
Cabide noticioso	Um acontecimento já noticiado pode servir de gancho para se pegar num novo acontecimento relacionado com o primeiro. A celebração de datas específicas — como as efemérides — também serve de cabide para notícias.
<b>Notabilidade</b>	A notabilidade — talvez melhor traduzida por tangibilidade — refere-se ao carácter concreto, tangível, específico e não ambíguo, de um assunto. Sob a pressão do tempo, os jornalistas preferem cobrir assuntos evidentes, delimitados no tempo e no espaço, observáveis. Por isso, o jornalismo orienta-se mais para os acontecimentos do que para os problemas. Há, no entanto, outros registos de notabilidade: o excesso; a escassez; a quantidade de pessoas envolvidas ou afetadas; a inversão da situação normal (o homem que morde o cão); o insólito; a transgressão; e a falha, como fratura na normalidade (anormalidade, anomalia) ou registo de insuficiência — caso dos acidentes. Adriano Duarte Rodrigues (1988) tinha-o já postulado para o excesso, a falha e a inversão.
<b>Surpresa</b>	O inesperado tem mais valor como notícia, sobretudo quando se trata de um mega-acontecimento que altere as rotinas produtivas.
<b>Conflito</b>	As disputas, caracterizadas pela violência física ou simbólica, atraem a atenção, podendo converter-se em notícias.
<b>Infração</b>	As transgressões de normas legais, sociais, culturais e outras, principalmente quando são violentas, têm valor noticioso, caso, nomeadamente, do crime.
<b>Escândalo</b>	Os escândalos são noticiados porque encaixam na visão coletiva dos jornalistas, que se veem como "cães de guarda" da democracia.

Fonte: Adaptado de Traquina, 2002, pp. 187-196

Os valores-notícia de seleção contextual (cf. tabela 2) são os seguintes: a disponibilidade; o equilíbrio do noticiário; concorrência; e o dia noticioso (Traquina, 2002, pp. 196-198).

**Tabela 2**

*Valores notícia de seleção — critérios contextuais*

<b>Valores-notícia</b>	<b>Conceito</b>
Disponibilidade	A disponibilidade jornalística de um acontecimento materializa-se na facilidade com que é possível fazer a sua cobertura, tendo em conta os meios e recursos disponíveis.
Equilíbrio	Os noticiários devem ser tematicamente equilibrados, pelo que a quantidade de notícias sobre uma singularidade pode justificar a sua publicação ou rejeição.
Visualidade	O potencial de cobertura de um acontecimento em imagens potencia a sua seleção como notícia.
Concorrência	Bater a concorrência (corrida ao exclusivo) e noticiar o que a concorrência já noticiou são critérios orientadores da seleção noticiosa.
Dia noticioso	O ciclo jornalístico tende a ser diário, sendo privilegiado o que ocorre neste horizonte temporal. Acontecimentos com muita noticiabilidade ocorridos dentro do ciclo diário podem excluir outros acontecimentos do mesmo dia; do mesmo modo, acontecimentos com pouco valor noticioso podem ser notícia se outros acontecimentos ocorridos dentro do ciclo tiverem, também, pouco valor noticioso.

Fonte: adaptado de Traquina, 2002, pp. 196-198

Os valores-notícia de construção (cf. tabela 3), para Traquina (2002: 198-202), são os seguintes: a amplificação; a relevância; a personalização; a dramatização; e a consonância.

**Tabela 3**

*Valores notícia de construção*

<b>Valores-notícia</b>	<b>Conceito</b>
Simplificação	Uma singularidade simples e certa, que possibilite um relato igualmente simples e sem ambiguidades, tem mais possibilidades de ser notada e coberta do que uma realidade complexa e ambígua.
Amplificação	A amplificação refere-se ao potencial de hiperbolização do acontecimento por meio da notícia. A amplificação pode incidir no que sucedeu, nos intervenientes ou nas consequências do que sucedeu.
Relevância	Capacidade de se mostrar na notícia como o acontecimento é importante.
Personalização	Refere-se ao potencial de personalização das narrativas noticiosas. Os acontecimentos centrados em pessoas particulares ou que podem ser narrados por meio da centralização em determinados indivíduos podem mais facilmente converter-se em notícia.
Dramatização	Possibilidade de se dramatizar a narrativa de um acontecimento. Quanto mais emoção e melodrama for possível adicionar a uma história sobre um acontecimento, mais aumentam as probabilidades de este se tornar notícia.
Consonância	Faculdade de enquadrar um acontecimento em enquadramentos previamente existentes. Relaciona-se com o valor-notícia que Galtung e Ruge (1965) classificaram como <i>consonância</i> . Quando é possível explorar, no relato jornalístico, a contiguidade simbólica entre acontecimentos; quando, na notícia, se olha para uma nova singularidade como consequência de outra; quando a novidade pode ser enquadrada no que já existe, então é mais provável que o acontecimento se converta em notícia.

Fonte: Adaptado de Traquina, 2002, pp. 198-202

O mesmo autor explica, ainda, que outros fatores podem influenciar o que chega a ser notícia e a forma como esta se apresenta: a política editorial; os recursos da organização noticiosa; a necessidade de produtividade; e o peso da direção, dos proprietários e dos anunciantes (Traquina, 2002: 201-202), a que se poderiam acrescentar o mercado, o público, a influência de terceiros poderosos, incluindo os governos, e ainda a ordem jurídica, incluindo a censura.

Lendo-se Traquina (2002, pp. 171-204) adquire-se a noção de que os valores-notícia agem associadamente. Por exemplo, um acontecimento forte em vários critérios de noticiabilidade mais facilmente se converte em notícia. Mas um acontecimento particularmente forte num valor-notícia também se pode converter em matéria noticiosa.

## **2. Representações fotográficas do período sidonista na *Ilustração Portuguesa***

Na análise à seleção de imagens sobre a cobertura fotográfica do período Sidonista, que começa com uma extensa reportagem que acompanha os momentos conturbados da revolução de dezembro de 2017, onde o ainda major da artilharia Sidónio Pais é protagonista, e que culmina com os dias que sucederam ao homicídio do histórico, mas controverso Presidente da República, a 14 de dezembro de 2018, é evidente como a revista *Ilustração Portuguesa*, propriedade de *O Século*, já demonstra, na fotografia da publicação, um forte sentido do que são as convenções jornalísticas ou valores-notícia identificados por Nelson Traquina e outros autores. Apesar das limitações técnicas do equipamento fotográfico da época com câmaras de grande formato de peso considerável, a preocupação estética está presente nos registos fotográficos de Joshua Benoliel ou, numa fase posterior, Anselmo Franco. A observação das imagens permite perceber que os fotógrafos procuravam obter o ângulo visual, enquadramento ou composição que mais favorecessem a força do momento jornalístico. Através da atenção aos elementos morfológicos da imagem (Villafañe & Mínguez, 2002, pp. 111-125), onde a centralidade da figura política se destaca na multidão e a força das linhas sobressaem, os fotógrafos conseguem construir um sentido de leitura que representa a ideia de ascensão de Sidónio Pais e a subsequente idolatração popular.

A primeira fotografia (figura 1) da *Ilustração Portuguesa* sobre Sidónio Pais mostra-o ainda em pleno golpe de Estado, durante as operações militares, conversando, calmamente, com o advogado Alberto de Moura Pinto, do Partido Unionista, seu futuro ministro da Justiça. Mereceu a primeira página. Da autoria de Joshua Benoliel, pioneiro do fotojornalismo em Portugal e colaborador fotográfico principal da publicação, a fotografia, de recorte cândido, contribuiu para apresentar Sidónio, um desconhecido do qual não se sabia o que esperar, à sociedade portuguesa. Obtida no calor da rebelião armada, transmite, apesar de tudo, calma e serenidade. É ponto de partida para uma extensa fotorreportagem de doze páginas e 26 fotos sobre a revolta,



**Figura 1**  
*Sidónio Pais em conversa durante o golpe de Estado*  
Fonte: *Ilustração Portuguesa*,  
17 de dezembro de 1917  
Créditos: Joshua Benoliel

realizada por Joshua Benoliel, publicada no número de 17 de dezembro de 1917 da *Ilustração Portuguesa*. A escolha desta imagem remete para os critérios de noticiabilidade de conflito, dada a natureza da relação entre jornalistas e políticos. Por outro lado, a emergência de um novo líder militar, ainda que desconhecido, alude para os valores da atualidade/ novidade, mas também uma noção de proeminência. Ainda assim, a linguagem corporal das figuras representadas dá uma noção de proximidade, suscetível de gerar fenómenos de identificação com o público. O enquadramento vertical destaca as duas figuras humanas do ambiente envolvente, concedendo-lhes saliência visual e revelando uma cumplicidade entre Sidónio Pais e Alberto de Moura Pinto, em que o observador<sup>17</sup> ou leitor da revista também parece participar.

O Sidonismo levou altos responsáveis do republicanismo radical dos democráticos a abandonarem o país. O Presidente da República, Bernardino Machado, foi um deles. Numa fotografia de Benoliel, altamente simbólica, de “fim de regime”, Bernardino Machado, destituído pela revolução sidonista, parte para o exílio e despede-se, com cumplicidade, de um jornalista de *O Século*<sup>18</sup> (figura 2). A imagem simboliza a natureza problemática das relações

17 Para Jonathan Crary, “um observador, ainda que seja obviamente alguém que vê, é acima de tudo, alguém que vê um conjunto enunciado de possibilidades, alguém que está inserido num sistema de convenções e limitações” (2017: 28).

18 Existe outra fotografia em que ele se despede do próprio Benoliel.



**Figura 2**  
*O Presidente da República deposto Bernardino Machado, de partida para o exílio, despede-se de um jornalista de O Século e de um filho*  
 Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 24 de dezembro de 1917  
 Créditos: Joshua Benoliel



**Figura 3**  
*Sidónio Pais, novo inquilino de Belém*  
 Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 11 de fevereiro de 1918  
 Créditos: Vasques/Casa Vasques

entre políticos e jornalistas, moldadas quer pelo antagonismo e pelo confronto, critérios de valor-notícia, quer pela cumplicidade, que, no caso concreto, funcionou como um critério de seleção. Simboliza igualmente o colapso — ainda que momentâneo — do controlo sobre o Estado, imposto, minoritariamente, pelo Partido Republicano de Afonso Costa.

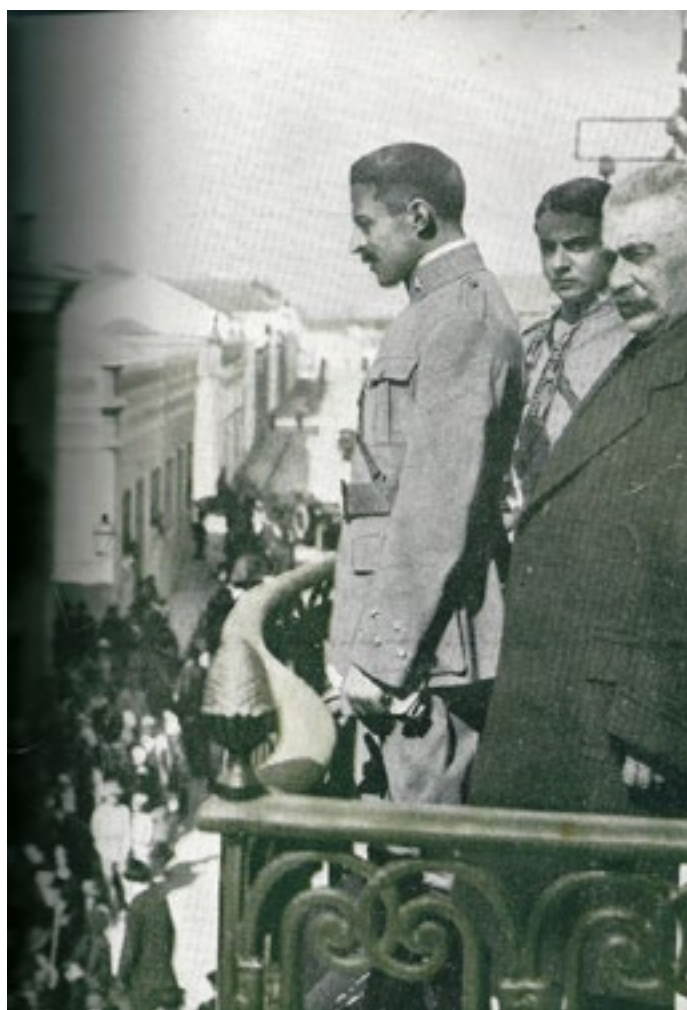
Ao longo de 1918, ano do consulado de Sidónio Pais, a imprensa concorreu, verbal e iconograficamente, para o culto de personalidade que lhe foi prestado. Os fotógrafos acorriam às viagens presidenciais pelo país, aos atos públicos do Presidente e às iniciativas presidenciais. Sidónio, por várias vezes, foi capa da *Ilustração Portuguesa*. Uma fotografia (figura 3) de Vasques<sup>19</sup> funcionou como uma espécie de fotografia oficial do novo Presidente da República. Representa o chefe de Estado a despachar, tranquilamente, assuntos oficiais no palácio de

<sup>19</sup> Proprietário do conhecido atelier de fotografia de retrato lisboeta Casa Vasques.



Belém. A foto é posada e foi, posteriormente, colorida para se tornar mais verosímil e apelativa, mas trata-se de uma pose naturalizada, de alguém que, sem olhar a câmara, escreve. O fotógrafo procurou a naturalidade nos gestos do Presidente, precisamente para contornar a questão da pose forçada e artificial. Pelo olho artificial da lente, Sidónio surge à devassa do olhar público como um indivíduo trabalhador e esforçado. Desempenhava, pictoricamente falando, o seu papel simbólico de olhar por todos os portugueses. A farda do chefe do Estado acentuava a sua autoridade simbólica. Do ponto de vista do critério de noticiabilidade, esta fotografia remete, em primeira instância, para o critério proeminência, dada a notoriedade de Bernardino Machado. Outro dos critérios detetáveis, mas não evidente será o conflito, uma vez que a partida é forçada e resulta das lutas entre as hostes republicanas.

O Sidonismo promoveu, efetivamente, o culto da personalidade militarista e autoritária do novo Presidente da República, simbolicamente alcunhado de “Presidente-Rei” por Fernando Pessoa. Na foto da figura 4, Sidónio saúda, a propósito, um conjunto de pessoas reunido em Faro, no Algarve, por ocasião de uma das viagens presidenciais pelo país. A fotografia é de Benoliel, que acompanhou o novo Presidente, tal como antes tinha acompanhado outros presidentes e reis.



**Figura 4**  
*Sidónio Pais fala ao povo, em Faro*  
*Fonte: Ilustração Portuguesa,*  
*4 de março de 1918*  
*Créditos: Joshua Benoliel*

Nesta representação de Sidónio (figura 4), alimentava-se o mito do “salvador da Pátria”. O valor-notícia desta fotografia, captada de uma perspetiva superior ao espaço onde o povo se posiciona e com um plano de perfil que recorre à verticalidade da figura humana principal para impor um sentido conotativo de firmeza e solidez, funciona como um guião de leitura para o público, realçando a pose de estadista, elemento prioritário desta narrativa visual. Esta função de construção de uma narrativa através da imagem está igualmente presente nas fotografias seguintes. Os enquadramentos reforçam a figura do estadista, sendo os contextos parte da construção cerimonial. A lógica da notícia prende-se com a importância ou proeminência da figura retratada, pela ausência de elementos dissonantes e pelo realce conferido pelos contextos e aspetos funcionais. Está-se, pois, perante a perspetiva de critérios contextuais de produção da notícia.

Uma das formas de legitimação discursiva e simbólica dos agentes de poder consiste em dar testemunho visual público, por meio da imprensa jornalística, das atividades que somente eles podem exercer, já que detêm o poder para tal exercício. A cobertura fotográfica *infopropagandística* do Sidonismo foi pontuada, pois, por um conjunto de imagens que contribuíram, desde esse ponto de vista, para a legitimação do poder do novo chefe-de-Estado. Apesar do cariz documental que é próprio da natureza fotográfica, as imagens das figuras 5 e 6 referem-se, na linha desse raciocínio, à visita do Presidente ao Parlamento, onde, ocupando a mais importante cadeira da sala, do alto da tribuna, discursou para deputados e senadores da República.

O valor-notícia de seleção notoriedade, que põe em primeiro plano a figura do poder e o seu lugar privilegiado na hierarquia social (Traquina), está presente nas fotografias seguintes. Da mesma forma que existe, entre os valores-notícia de construção, uma clara tendência para a personalização da narrativa visual, centrada em Sidónio.

A exemplo do que vieram a fazer, depois, outros regimes populistas e autoritários, Sidónio Pais investiu no assistencialismo. É crível que a intenção de Sidónio tivesse sido a melhor. Além disso, num país católico, a caridade assistencialista do Sidonismo ia ao encontro dos valores da Igreja e do povo. Permitia, ainda, contrastar a República Nova com o republicanismo radical que pouco ou nada fez pela erradicação da pobreza e tinha sido responsável pelo desastre que constituiu o envio de tropas portuguesas para a frente Ocidental e pelo desnorte em que, aparentemente, o país tinha caído. A “sopa dos Pobres”, as creches, as iniciativas de apoio à infância tornaram-se marcas políticas do Sidonismo e contribuíam, a seu modo, para o culto da personalidade de Sidónio. Com resultados palpáveis. O Presidente era adorado pelo povo miúdo. Onde ia, o povo acorria. A cobertura fotográfica das iniciativas presidenciais, além do papel testemunhal e informativo que tiveram, concorreram para a afirmação do novo regime e para a legitimação simbólica do Presidente — representado quase sempre rodeado pelo povo, pelas elites e pelos apoiantes da República Nova (figuras 7 a 13). O líder político aparece, quase sempre, situado no centro geométrico dos fotogramas e é o ponto de



**Figura 5**  
*Sidónio Pais desloca-se ao Parlamento*  
*Fonte: Ilustração Portuguesa,*  
29 de julho de 1918  
Créditos: Joshua Benoliel



**Figura 6**  
*Sidónio Pais no Parlamento*  
*Fonte: Ilustração Portuguesa,*  
29 de julho de 1918  
Créditos: Joshua Benoliel

atenção das imagens (Villafañe & Mínguez), atraindo o observador a permacer por mais tempo na figura do estadista, quando olha as fotografias.

O conjunto de fotografias em que Sidónio é retratado junto dos populares ou na sopa dos pobres remete para a construção da ideia do político próximo do povo ou mesmo como “um deles”, numa estratégia comunicacional comum a vários estadistas. Esta proximidade contribui, *in loco*, para gerar fenómenos de grande popularidade. Nas representações fotográficas, o critério de proximidade remete para fenómenos de empatia que se estabelecem com os leitores, reforçando esta noção, mesmo para os que não participavam destes acontecimentos.

Relembre-se, a propósito, que na *Ilustração Portuguesa*, despontava outro dos grandes fotojornalistas do tempo da I República — Anselmo Franco (1879-1965). Foi ele que substituiu Joshua Benoliel como fotojornalista principal da revista, em dezembro de 1918. Várias das fotografias do último mês de vida de Sidónio Pais são da sua autoria, incluindo as imagens da celebração do primeiro aniversário da República Nova, publicadas dois dias depois do assassinato do “Presidente-Rei”. Numa foto (figura 11), Sidónio, localizado no centro geométrico da composição, surge rodeado de um mar de gente, no meio do povo, onde se sentia como peixe na água. A abordagem fotográfica, de resto, não era nova — Joshua Benoliel tinha-a usado três meses antes, em Sintra, mostrando Sidónio no meio das crianças (figura 10). As crianças, personagens secundárias da fotorreportagem de Anselmo Franco sobre o aniversário da República Nova, são realçadas fotograficamente como um dos alvos da ação assistencialista do Sidonismo (figura 12). A composição que valoriza a linha de perspetiva da mesa confere profundidade visual e transmite a dimensão e a importância social da efeméride. Sendo as crianças um dos elementos com mais força simbólica, esta imagem remete para o valor-notícia de seleção visualidade, partindo do pressuposto que a propabilidade de obter uma boa cobertura fotográfica era elevada. O elevado número de participantes visível na mesma imagem é, também, representativo da relevância do acontecimento, critério que pode ter estado na base da seleção noticiosa do evento.

A exploração visual do carácter humanitário do Presidente Sidónio é bem vincada noutra reportagem, de seis fotografias, cuja narrativa se organiza como um filme cronológico — sobre a visita presidencial ao hospital dos tifosos no Porto, durante uma epidemia que se abateu sobre a cidade (figura 13). O Presidente parece não ter receio de se aproximar dos tifosos e de lhes dirigir palavras de conforto. A sequência dos planos de conjunto seleccionados constrói a imagem de um Presidente da República que exalta o humanismo e que prefere mostrar compaixão para com os enfermos do que zelar pela sua própria segurança. Mais uma vez, é a proeminência e a notoriedade da personagem a outorgar grande parte do valor noticioso à peça de onde foram extraídas estas fotografias de reportagem.



**Figura 7**  
Sidónio Pais no meio de populares e militares,  
em Lisboa, à partida para uma visita ao Norte de Portugal  
*Fonte: Ilustração Portuguesa, 28 de janeiro de 1918*  
Créditos: Secção Fotográfica do Exército Português<sup>20</sup>

20 Estando Arnaldo Garcês em França, acompanhando as forças portuguesas, coloca-se a questão de quem terá sido o autor das fotografias. Sabendo-se que a Secção Fotográfica e Cinematográfica do Exército (SFCE) foi oficialmente instituída por despacho de 12 de janeiro de 1917 do ministro da Guerra, Norton de Matos (Arnaldo Garcês, no entanto, já cobrira o treino das tropas em Tancos), sob a chefia do tenente-coronel Desidério Bessa (1868-1920), integrando, além do fotógrafo Arnaldo Garcês, o capitão Carlos Nogueira Ferrão (1871-1938), militar com experiência fotográfica e cinematográfica — realizará, por exemplo, um curto documentário sobre o embarque das tropas — e sócio do Salão Central, de exibição de filmes, é bastante provável que tenha sido este último o autor desta e de outras imagens que integram a fotorreportagem em que a foto se integra, publicada a 28 de janeiro de 1918, na *Ilustração Portuguesa* (cinco páginas e nove fotografias, duas delas de página inteira).



**Figura 8**  
*Populares acorrem à chegada de Sidónio Pais a Sintra*  
*Fonte: Ilustração Portuguesa, 19 de agosto de 1918*  
Créditos: Joshua Benoliel



**Figura 9**  
*Sidónio Pais inaugura a sopa dos pobres em Sintra*  
*Fonte: Ilustração Portuguesa, 19 de agosto de 1918*  
Créditos: Joshua Benoliel



**Figura 10**  
*Sidónio Pais no meio de crianças*  
*Fonte: Ilustração Portuguesa, 23 de setembro de 1918*  
Créditos: Joshua Benoliel



**Figura 11**  
*Sidónio Pais no meio de populares, no aniversário da República Nova*  
 Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 16 de dezembro de 1918  
 Créditos: Anselmo Franco



**Figura 12**  
*Crianças desfrutam de um lanche oferecido por Sidónio Pais no primeiro aniversário da República Nova*  
 Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 16 de dezembro de 1918  
 Créditos: Anselmo Franco



**Figura 13**  
*Visita de Sidónio ao hospital dos tifosos, no Porto*  
 Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 25 de março de 1918  
 Créditos: não atribuídos

O ponto alto do Sidonismo terá sido a proclamação oficial de Sidónio Pais como Presidente da República, a 9 de maio de 1918, depois das eleições de 28 de abril do mesmo ano. A fotografia de Sidónio a saudar, entusiasmado, o povo de Lisboa, a 9 de maio de 1918, desde a varanda da Câmara Municipal, no mesmo lugar onde a República havia sido proclamada, é simbólica (figura 14). Tal como simbólica é a sua fotografia, isolado, a cavalo, passando revista às tropas (figura 15), obtida na mesma data — ambas de Benoliel e integrando uma fotorreportagem de seis páginas e treze fotografias.

Com o Sidonismo, a vasta maioria católica tornou-se, novamente, visível na comunicação social e reconciliou-se com a República. O “Presidente-Rei” aproveitou-o politicamente. As cerimónias religiosas evocativas dos soldados mortos na guerra, por exemplo, sucederam-se e tiveram eco na comunicação social. A figura 16, por exemplo, refere-se à assistência a uma missa católica de sufrágio pelas almas dos soldados mortos na Grande Guerra. Na figura 17, o Presidente da República, Sidónio Pais, entra numa igreja para, acompanhado por um padre, assistir, no rescaldo da derrota de La Lys, que dizimou o Corpo Expedicionário Português em França, a nova cerimónia religiosa católica de sufrágio pelos soldados mortos pela pátria. Com Sidónio, a vasta maioria católica une-se. Era a vez de passarem para segundo plano os republicanos democráticos que tinham contribuído para a revolução de 5 de outubro de 1910 e instituído um regime laico, urbano e progressista, provavelmente, à revelia da vontade da maioria do povo português, conservador, rural e católico, impedido de votar e totalmente arredado do poder e do processo decisório

Também os monárquicos aumentaram a sua visibilidade pública com o Sidonismo. A fig. 18 mostra, precisamente, um aspeto da assistência à missa de sufrágio pelo Rei D. Carlos e pelo Príncipe-Real D. Luís Filipe, assassinados por um republicano extremista em 1908. A *Ilustração Portuguesa* escrevia:

O exílio do Sr. D. Manuel de Bragança [último rei de Portugal] tem-lhe permitido avaliar até que ponto eram sinceras e sólidas as afeições de muitos; a morte do seu pai e do seu irmão (...) dá ensejo a que se congreguem numa cerimónia respeitável os que se conservam fiéis à sua memória e aos princípios políticos incarnados por eles (...) (*Ilustração Portuguesa*, 1918, p. 104)<sup>21</sup>.

As fotografias que associam o Presidente da República Nova à Igreja e aos monárquicos remetem para os mesmos valores de proximidade, onde a construção noticiosa é pautada pelo destaque dos fatores afetivos da reconciliação da sociedade portuguesa. Esta reconciliação é ritual e promovida pelas diversas imagens aqui escolhidas, já que o fotógrafo exclui toda a mensagem dissonante desta representação da pacificação portuguesa. Pode também

21 *Ilustração Portuguesa*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 625, 11 de fevereiro de 1918, p. 104.





**Figura 14**

*Sidónio saúda os lisboetas da varanda da Câmara Municipal depois da sua proclamação como Presidente da República, a 8 de maio de 1918*

*Fonte: Ilustração Portuguesa, 20 de maio de 1918*

*Créditos: Joshua Benoliel*



**Figura 15**

*Sidónio passa revista às tropas depois da sua proclamação como Presidente da República, a 8 de maio de 1918*

*Fonte: Ilustração Portuguesa, 20 de maio de 1918*

*Créditos: Joshua Benoliel*



**Figura 16**

*Multidão concentra-se para cerimónia religiosa católica evocativa dos soldados aliados tombados em combate*

*Fonte: Ilustração Portuguesa, 11 de fevereiro de 1918*

*Créditos: Joshua Benoliel*



**Figura 17**

*Sidónio Pais, acompanhado por um religioso, entra numa igreja para assistir a uma missa de sufrágio pelos combatentes portugueses mortos na Grande Guerra*

*Fonte: Ilustração Portuguesa, 27 de maio de 1918*

*Créditos: Joshua Benoliel*

ser apontado que o valor-notícia conflito não está completamente ausente das imagens. Há o conflito entre a República e a Igreja e o conflito com os monárquicos e daí a necessidade de rituais de aproximação. Há ainda o conflito central, a participação de Portugal na Grande Guerra, que embora não seja visível, está implícito.



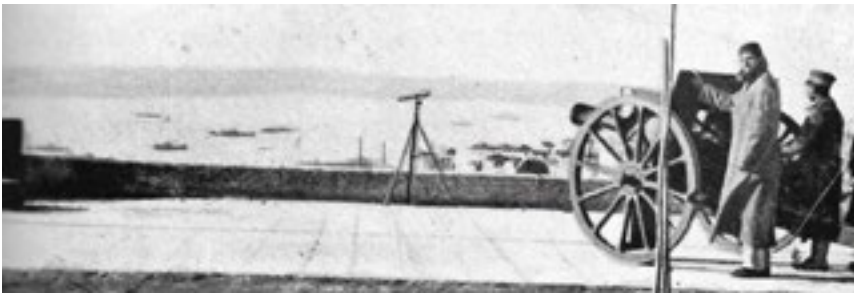
**Figura 18**

*Assistência à missa de sufrágio pelas almas do Rei D. Carlos e do Príncipe-Real D. Luís Filipe, assassinados em 1908*

*Fonte: Ilustração portuguesa, 11 de fevereiro de 1918*

Créditos: Joshua Benoliel

De um ponto de vista negativo, o Sidonismo foi sobressaltado por revoltas e outros confrontos armados (figuras 19, 20, 21, 23 e 24), atentados (figura 22), greves e manifestações (figura 25), atos de sabotagem (figura 28) e outras ocorrências. A cobertura pictórica desses acontecimentos mostrava o descontentamento que reinava entre alguns setores da população. Mas também evidenciava, por parte do regime, alguma tolerância perante a cobertura — ainda que pontual — de acontecimentos que, potencialmente, o colocavam em xeque. Aliás, por vezes, o que se destaca nessa cobertura é, precisamente, a apaziguadora e tranquilizadora imposição da ordem, depois do momento de perturbação (figuras 21, 23 e 24). É possível que ao regime também interessasse explorar o medo e a inquietude da população portuguesa, mostrando, na imprensa, o que faziam os inimigos do Sidonismo. As manifestações, as greves — algumas violentas, a sabotagem, os atentados, os confrontos armados, as rebeliões e acontecimentos semelhantes certamente confrontavam o desejo de tranquilidade, ordem e paz social que, possivelmente, a maioria da população, cansada das convulsões da República



**Figura 19**

Artilharia governamental que bombardeou o couraçado Vasco da Gama, posicionada no castelo de São Jorge

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 21 de janeiro de 1918

Créditos: Joshua Benoliel



**Figura 20**

Couraçado sublevado Vasco da Gama rodeado de outros navios, visto do castelo de São Jorge

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 21 de janeiro de 1918

Créditos: Joshua Benoliel



**Figura 21**

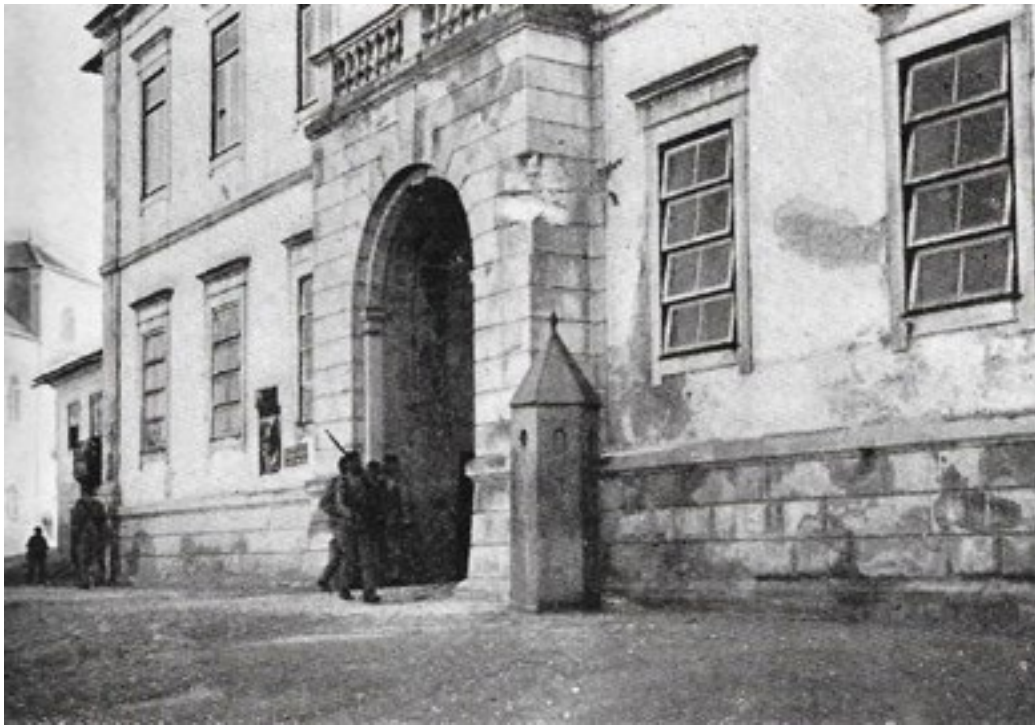
Marinheiros sublevados aprisionados

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 21 de janeiro de 1918

Créditos: Joshua Benoliel



**Figura 22**  
*Atentado contra o armazém de abastecimentos da Jerónimo  
Martins, no Porto*  
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 15 de julho de 1918  
Créditos: Álvaro Martins



**Figura 23**

*Coimbra. Quartel de Infantaria 23 durante a revolta de 12 de outubro de 1918*

*Fonte: Ilustração Portuguesa, 28 de outubro de 1918*

*Créditos: não atribuídos*



**Figura 24**

*Lisboa. Local onde se registaram os confrontos armados de 16 de outubro de 1918 que resultaram na morte de seis prisioneiros antissidonistas*

*Fonte: Ilustração Portuguesa, 28 de outubro de 1918*

*Créditos: Joshua Benoliel*

e da participação na Grande Guerra, acalentava. Daí que a exposição pública dos atos dos inimigos do regime pudesse beneficiar o próprio regime.

De qualquer modo, é patente que nas fotografias 19 a 27 se realça um valor-notícia primordial para o Sidonismo — o conflito. A oposição à República Nova esteve presente em todo o mandato de Sidónio e o desenlace dramático da sua morte — de cuja cobertura emergem, combinados, os valores-notícia da proeminência da personagem e da morte (figuras 30 a 35) — é o culminar da oposição feroz que lhe foi feita.

A primeira revolta antissidonista ocorreu a 8 de janeiro de 1918. Desencadeada pelos assíduos e quase profissionais revolucionários da Marinha, foi controlada pelas forças do Exército, fiéis ao regime. Publicadas, somente, a 21 de janeiro de 1918, 13 dias depois da revolta, na revista *Ilustração Portuguesa*, as fotografias do inevitável Joshua Benoliel (figuras 19, 20 e 21) mostram, sempre desde o ponto de vista das forças sidonistas, aspetos da tomada de posição dos militares fiéis ao Governo (figura 19), que bombardearam os marinheiros sublevados a bordo do couraçado Vasco da Gama (figura 20). A narrativa pictórica evolui até ao aprisionamento dos sublevados (figura 21). A confirmação visual da derrota dos sublevados, no contexto, era relevante.

A partir do verão de 1918, a hostilidade de vários setores da população ao regime sidonista irrompeu com mais vigor. Ocorreram vários episódios de violência, como a revolta de 12 de outubro, em diversas cidades do país; atentados bombistas, também em diferentes pontos do país; e mesmo um confronto armado, a 16 de outubro, nas ruas de Lisboa, que resultou na morte de vários prisioneiros da revolta de 12 de outubro, quando estavam a ser transportados para o forte de São Julião da Barra. As fotos de um desses atentados — no Porto, contra um armazém da empresa de distribuição Jerónimo Martins — evidenciam o grau de destruição e podem ter contribuído para suscitar a raiva da população contra os indivíduos sem rosto que queriam minar o regime recorrendo à violência (figura 22). Mas as fotos relativas à revolta de 12 de outubro (figura 23), obtidas *a posteriori*, ou as imagens referentes ao confronto armado de 16 de outubro (figura 24) não têm em si qualquer embrião de violência. Muito pelo contrário, delas emanam sensações de calma e controlo da situação pelo regime.

No mundo operário também surgiram focos de descontentamento. Se bem que algumas manifestações e greves não tenham tido consequências de maior (figuras 25 e 26), possibilitando mesmo, a Sidónio, passear-se pelas ruas de Lisboa, em carro aberto e quase sem escolta, para inspecionar a situação (figura 26), outras houve que incluíram episódios de alguma violência, caso, por exemplo, da greve anarquista de novembro de 1918, durante a qual sobrevieram episódios de sabotagem (figura 27).



**Figura 25**  
*Manifestação de operários da indústria tabaqueira durante uma greve*  
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 10 de junho de 1918  
Créditos: Joshua Benoliel



**Figura 26**  
*Sidónio percorre Lisboa em veículo aberto depois de conseguir o fim de uma greve de caixeiros*  
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 11 de março de 1918  
Créditos: Joshua Benoliel



**Figura 27**  
*Sabotagem ferroviária durante a greve anarquista de novembro de 1918*  
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 2 de dezembro de 1918  
Créditos: Joshua Benoliel



Curiosamente, se houve ocasiões de descontentamento cujos ecos se repercutiram, pictoricamente, na *Ilustração Portuguesa*, também houve, porém, manifestações de agrado e apoio, como uma manifestação de funcionários públicos apoiantes do regime (figura 28).



**Figura 28**  
*Manifestação de funcionários públicos de apoio ao regime*  
*Fonte: Ilustração Portuguesa*, 10 de junho de 1918  
Créditos: Joshua Benoliel

Quando ascendeu ao poder, Sidónio Pais não enviou reforços, provisões, material e equipamentos para o Corpo Expedicionário Português<sup>22</sup>. Após um inverno duro que os portugueses enfrentaram, sem roupas nem equipamentos adequados, a situação no setor da frente em que o CEP se posicionava, já de si grave, deteriorou-se. A derrota portuguesa e aliada na batalha do rio Lys, ou batalha de La Lys (9 a 29 de abril de 1918), perto de Ypres, ditou o fim da efetiva presença portuguesa na frente Ocidental. Os soldados do CEP foram remetidos à condição de auxiliares. Alguns deles, feridos e doentes, regressaram a Portugal a 16 de abril de 1918 e foram recebidos por Sidónio, constituindo a primeira leva de retorno de veteranos de guerra<sup>23</sup>.

22 Poderá ter sido por inépcia ou por vontade, já que o Sidonismo começou a repatriar soldados portugueses em França logo em abril de 1916; ou ainda por impossibilidade, já que os navios britânicos e franceses de que Portugal necessitava para reabastecer, rearmar e colmatar as baixas do CEP foram colocados ao serviço do transporte dos contingentes e equipamento americano para a Europa.

23 O Presidente foi a bordo receber os soldados, mas a *Ilustração Portuguesa*, apesar de ter publicado três fotografias sobre o assunto, no número de 22 de abril de 1918 (p. 307), curiosamente escreveu-o não o mostrou.

No país, a instabilidade aumentou tanto que o Presidente se viu obrigado a declarar o estado de sítio, a 13 de outubro de 1918. Para agravar a situação, o Governo sidonista foi incapaz de repatriar de imediato todos os soldados portugueses em França, após o armistício de 11 de novembro de 1918, apesar dos esforços, documentados fotograficamente, como elemento de prova, e devidamente publicitados pela imprensa (figura 29). O clima conspirativo adensou-se.



**Figura 29**

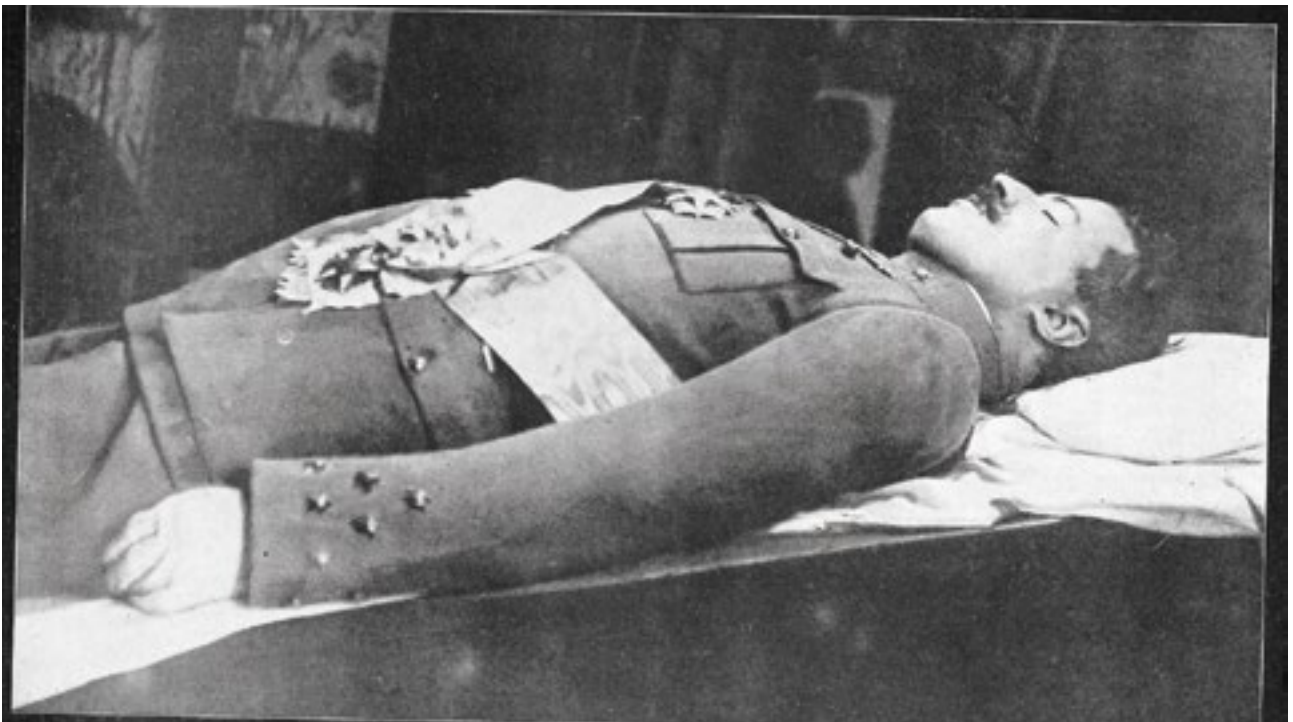
O Presidente da República, Sidónio Pais, recebe o primeiro contingente de soldados portugueses regressado após o termo da I Guerra Mundial  
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 2 de dezembro de 1918  
Créditos: Joshua Benoliel

O Presidente Sidónio Pais escapou a uma primeira tentativa de assassinato a 5 de dezembro de 1918, durante a cerimónia de condecoração dos sobreviventes do navio patrulha oceânico Augusto de Castilho, afundado num combate contra um submarino alemão, enquanto protegia a fuga de um navio comercial com passageiros a bordo. A 14 de dezembro, porém, o “Presidente-Rei” foi assassinado por um militante republicano. A morte da maior figura política da época e as condições em que o homicídio ocorreu remetem para quase todos os valores de seleção noticiosa identificados por Nelson Traquina. Os jornais e a *Ilustração Portuguesa* trouxeram o assunto à primeira página logo que lhes foi possível. Semanal, a *Ilustração Portuguesa* só cobriu o assunto no número de 23 de dezembro, sendo revelador das suas morosas rotinas de produção que não tivesse sido possível alterar o número anterior, de 16 de dezembro, já posterior ao assassinato, para dar conta do sucedido<sup>24</sup>. Na primeira página, rodeado de uma significativa tarja preta, em sinal de luto, aparece um retrato de corpo

24 O número de 16 de dezembro contém uma fotorreportagem de Anselmo Franco, fotojornalista que substituiu Joshua Benoliel no jornal *O Século* e na revista *Ilustração Portuguesa*, sobre o primeiro aniversário da República Nova.



**Figura 30**  
*Retrato evocativo do Presidente*  
*Sidónio Pais* Fonte: *Ilustração Portuguesa*,  
23 de dezembro de 1918  
Créditos: Otávio Bobone



**Figura 31**  
*Sidónio Pais no seu leito mortuário*  
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 23 de dezembro de 1918  
Créditos: Otávio Bobone

inteiro do Presidente assassinado (figura 30), da autoria de Otávio Bobone<sup>25</sup> (1894-?). No interior, outra foto de Otávio Bobone, testemunhal, igualmente ladeada de uma tarja negra, mostra Sidónio Pais no seu leito mortuário (figura 31). Era a vez dos retratistas entrarem em cena, possivelmente porque tinham equipamento mais adequado à fotografia de interiores do que os foto-repórteres.

O carácter fraturante da personalidade de Sidónio Pais foi bem visível nos seus funerais, acompanhados por dezenas de milhares de portugueses, mas interrompidos, vezes sucessivas, por incidentes violentos. As fotos escolhidas dos funerais (figuras 32, 33 e 34) são da autoria do substituto de Joshua Benoliel como fotógrafo principal de *O Século* e da *Ilustração Portuguesa* — Anselmo Franco (1879-1965)<sup>26</sup>, o qual seria, por sua vez, substituído por Vasco Serra Ribeiro — e mostram, principalmente, comoção geral, a afluência popular e a pompa e circunstância no cortejo fúnebre do primeiro líder populista português, precursor de todos os autoritarismos populistas e nacionalistas que alastraram, depois, pela Europa. É interessante notar a tentativa de Anselmo Franco prestar atenção a certos detalhes humanizadores da fotorreportagem, como acontece na fotografia que serviu de capa à *Ilustração Portuguesa* de 30 de dezembro de 1918, que vale pela mistura dos ternos “anjinhos”, de branco vestidos, promessa de eternidade e futuro, com a urna pesada e negra, num escuro camião militar, rodeada por um grupo de militares e civis (figura 33). Uma das fotografias é, simbolicamente, emoldurada pelos símbolos nacionais, acrescentados sob a forma de desenho, nas laterais do topo (figura 34).

Embora a narrativa das cerimónias fúnebres de Sidónio Pais publicada na *Ilustração Portuguesa* se baseie nas fotografias de Anselmo Franco, houve uma foto de um fotógrafo chamado Bertrand, que poderá ser francês, que nela foi inserida (figura 35) e que tem algum simbolismo. Trata-se de um retrato coletivo posado, em ambiente exterior, de um grupo de marinheiros franceses, que representaram a França, no funeral de Estado. Por um lado, a integração dessa foto na narrativa fotográfica construída com os contributos de Bobone e Franco é relevante porque mostra que a noção de fotógrafo-autor era, ainda, débil. Os fotógrafos nem sequer controlavam a publicação das suas fotos, sujeitas a manipulação pelos tipógrafos (“designers”) e editores e compaginação com imagens de outros fotógrafos. Por outro lado, a mensagem pública iconográfica da foto (figura 35) demonstrava o respeito internacional pelo Presidente-Rei e por Portugal, nomeadamente entre as Potências Aliadas, e o tributo francês ao esforço de guerra português, na recém-finda conflagração europeia.

25 Importante fotógrafo retratista e cineasta de Lisboa, filho do fotógrafo e pintor Augusto Bobone (1852-1910) e seu continuador à frente do Salão Bobone.

26 Joshua Benoliel abandonou, por algum tempo, no início de dezembro de 1918, a profissão de repórter fotográfico, o primeiro que houve digno desse nome em Portugal, para se dedicar à gestão de negócios familiares e a viajar. Fotografou ocasionalmente até 1924, ano em que reingressou nos quadros de *O Século*, onde permaneceu até ao final da vida.



**Figura 32**  
*Pessoas aguardam para entrar na câmara ardente de Sidónio Pais*  
*Fonte: Ilustração Portuguesa,*  
*23 de dezembro de 1918*  
*Créditos: Anselmo Franco*



**Figura 33**  
*Momento do funeral de Sidónio Pais*  
*Fonte: Ilustração Portuguesa,*  
*30 de dezembro de 1918*  
*Créditos: Anselmo Franco*



**Figura 34**  
*Momento do funeral de Sidónio Pais*  
*Fonte: Ilustração Portuguesa, 30 de dezembro de 1918*  
*Créditos: Anselmo Franco*



**Figura 35**  
*Marinheiros franceses que participaram nas cerimónias fúnebres de Sidónio Pais posam em retrato coletivo*  
*Fonte: Ilustração Portuguesa, 30 de dezembro de 1918*  
*Créditos: Bertrand*

As fotografias aqui apresentadas, após o seu assassinato, são construções de uma imagem cerimonial, onde a figura do estadista em pose pontua como elemento de notoriedade e reverência, inclusive na imagem da morte. O valor-notícia proximidade é reforçado pelas multidões retratadas nas cerimónias, pela pose das crianças que reforçam a emotividade do momento retratado. A escolha do retrato dos marinheiros franceses acentua a homenagem ao estadista. O elemento conflito permanece ausente das notícias sobre a morte e cerimónias a ela associado, contribuindo, através de um critério de exclusão, para a construção de uma imagem idealizada de estadista proeminente, próximo do povo.

### Conclusões

Os critérios de noticiabilidade explanados por Nelson Traquina (2002) ajudam a explicar o discurso iconográfico da *Ilustração Portuguesa* sobre o Sidonismo. A investigação realizada permitiu concluir, nomeadamente, que a *notoriedade* foi o valor-notícia que mais orientou a seleção fotonoticiosa que fundou a narrativa fotojornalística construída pela *Ilustração Portuguesa* sobre o Sidonismo, exceto num único momento — a revolução fundadora do novo regime. A revolução de 5 a 8 de dezembro de 1917 foi notícia por ser surpreendente, conflitual, infratora, notável, nova, próxima, atual, relevante e mesmo mortal para cerca de cem pessoas. Sidónio ainda era um desconhecido, daí que a notoriedade não tenha sido uma das qualidades noticiosas que se podem colar ao acontecimento, mas começou a ganhar protagonismo visual na revista logo a 17 de dezembro, quando já se adivinhava que controlava a situação.

A notoriedade da personagem sobrepôs-se, depois, a quaisquer outros valores-notícia. Sidónio Pais era, afinal, a personagem sustentadora da República Nova. Além disso, soube orquestrar uma encenação pública do poder a que a imprensa aderiu, ou foi condicionada a aderir. Por isso, os fotojornalistas — destacando-se o pioneiro Joshua Benoliel e, mais tarde, Anselmo Franco — cobriram, sem surpresa, os atos públicos mais relevantes do chefe de Estado. Num tempo em que o fotojornalismo era já uma prática consolidada em Portugal e os fotojornalistas eram aceites, nas redações, como *repórteres* de pleno direito, o discurso fotográfico da *Ilustração Portuguesa* — publicação importante e socialmente impactante por ser única revista ilustrada de informação geral e grande expansão que circulava durante o Sidonismo — alimentou, efetivamente, o mito de Sidónio Pais, afetando o imaginário português e a memória histórica.

A investigação demonstrou também que os relatos verbais dos historiadores sobre o período Sidonista correspondem aos relatos pictóricos da *Ilustração Portuguesa*. Isto é, diferentes historiadores (Bourdon, 1973; Oliveira Marques, 1995; Ramos, 2001; Saraiva, 2003; Ramos, coord., Sousa e Monteiro, 2009; Telo, 2011) destacam que Sidónio Pais teve sabedoria e habilidade para compor uma espécie de figura de caudilho, de pai da Pátria, que projetou

em cerimónias públicas, desfiles militares, presença em iniciativas assistencialistas e visitas ao país. A narrativa pictórica da *Ilustração Portuguesa*, que acompanhou esse período é, pois, consonante com a narrativa verbal, posterior, dos historiadores, contribuindo, em última análise, para sustentar e validar os relatos destes últimos.

Tendo em consideração a proposta de Nelson Traquina (2002) sobre a noticiabilidade, outros valores-notícia, como a proximidade, a novidade, o tempo, ou seja, a atualidade, a notabilidade e a relevância também interferiram na seleção fotonoticiosa da *Ilustração Portuguesa*, mas não ofuscam o critério da *notoriedade*. O critério do cabide noticioso ajuda a explicar, por seu turno, a cobertura das celebrações do aniversário da República Nova, enquanto os critérios do conflito e da infração contribuem para esclarecer a presença, na *Ilustração Portuguesa*, de peças — e correspondentes fotografias — de acontecimentos que desafiaram o Sidonismo, mas que também, pela sua violência, podem ter gerado mais rejeição do que aceitação pelos portugueses, passando, pois, incólumes pela censura. O assassinato de Sidónio, além das qualidades valorativas anteriores, foi notícia por ser surpreendente e, claro, mortal.

Entre os valores-notícia de seleção contextual sugeridos por Traquina (2002), a *visuabilidade* é aquela que se destaca na narrativa fotográfica da *Ilustração Portuguesa* sobre o período sidonista. A coreografia montada para promover o enérgico líder da República Nova e o novo regime, que prometia a regeneração do país e da República e a união de *todos* os portugueses, gerou oportunidades fotográficas para os fotojornalistas. Já entre os valores-notícia de construção, assume particular relevância o critério da personalização da narrativa visual em torno de Sidónio Pais, mas a carga dramática que pôde ser adicionada pictograficamente a esta narrativa em certos momentos — como os desfiles militares, a morte de Sidónio e os funerais de Estado — também influenciou as escolhas. Os restantes critérios de construção também se detetam na narrativa, embora com menos repercussões.

Finalmente, pode aceitar-se, em parte, a primeira hipótese colocada: a seleção dos acontecimentos do Sidonismo que foram objeto de cobertura fotográfica pela *Ilustração Portuguesa* refletiu a conjuntura do período sidonista e o viés ideológico do Sidonismo, mas também mereceram cobertura pictórica acontecimentos potencialmente negativos para a imagem da República Nova e do seu líder — casos das revoltas, dos atentados e das greves violentas. Das imagens, porém, não emana pouca *violência* simbólica — como se o regime controlasse a situação, o que não era verdade, conforme comprovou o assassinato do chefe-de-Estado.

Pode aceitar-se, por seu turno, a segunda hipótese. Isto é, tendo em conta as circunstâncias particulares do período sidonista e a ideologia do Sidonismo, as fotografias publicadas na *Ilustração Portuguesa* contribuíram para o engrandecimento simbólico do regime sidonista e para o culto da personalidade devotado a Sidónio Pais.



## Referências bibliográficas

- Barthes, R. (1971). *Mitologias*. Edições 70.
- Barthes, R. (1984a). *A Câmara Clara*. Nova Fronteira.
- Barthes, R. (1984b). A mensagem fotográfica. In R. Barthes (Ed.), *O óbvio e o obtuso* (pp. 13-25). Edições 70.
- Barthes, R. (2006). *Elementos de Semiologia*. Cultrix.
- Bourdieu, P. (1997). *Sobre a Televisão*. Celta Editora.
- Bourdon, A.-A. (1973). *História de Portugal*. Almedina.
- Brooks, B. S., Kennedy G., Moen, D. R. & Ranly, D. (1988). *News reporting and writing*. St. Martin's Press.
- Crary, J. (2017). *Técnicas do Observador*. Orfeu Negro [original de 1990].
- Dubois, P. (1991). *O Ato Fotográfico*. Vega.
- Durand, G. (1988). *A Imaginação Simbólica*. Cultrix/Edusp.
- Durand, G. (1997). *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Martins Fontes.
- Durand, G. (1998). *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Difel.
- Ericson, R. V., Baranek, P. M. & Chan, J. (1987). *Visualizing deviance: a study of news organization*. The University of Toronto Press.
- Gadamer, H.-G. (1999). *Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. (3th ed.). Vozes [original de 1960].
- Galtung, J. & Ruge, M. H. (1965). The structure of foreign news. The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. *Journal of Peace Research*, 2 (1), 64-90.
- Hayes, A. F. (2008). Sampling, nonrandom. In W. Donsbach (Ed.), *The international encyclopedia of communication*. (Vol. X, pp. 4447-4459). Blackwell Publishing.
- Janis, I. L. (1983). *Group think: psychological studies of policy decisions and fiascoes*. Houghton Mifflin.
- Labourdette, J.F. (2001). *História de Portugal*. Dom Quixote.
- Leite, M. L. M. (1992). História e Fotografia. *Cultura Vozes*, 86 (3), 43-52.
- Leite, M. L. M. (1993). Imagens e Contextos. *Boletim do Centro de Memória da Unicamp*, 5 (10), 45-60.
- Lindlof, T. R. (1988). Media audiences as interpretive communities. In J. A. Anderson (Ed.), *Communication Yearbook 11* (pp. 81-107). Sage.
- Maffesoli, M. (1998). *Elogio da Razão Sensível*. Vozes.
- Maffesoli, M. (2001). O imaginário é uma realidade (entrevista conduzida por Juremir Machado da Silva). *Revista Famecos*, 1 (15), 74-82.
- Maidment, B. (1996). *Reading popular prints, 1790-1870*. Manchester University Press.
- Marques, A. H. de O. (1995). *Breve História de Portugal*. Presença.
- Matos, Á. C. de (2014). The press in the First Portuguese Republic: constants and guiding principles (1910-1926). In J. P. Sousa, H. Lima., M. Barbosa, & A. Hohlfeldt, (Orgs.), *A history of the press in the Portuguese-Speaking countries* (pp. 113-172). Media XXI.
- Palmer, R. (1969). *Hermeneutics: interpretation theory in Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, and Gadamer*. NUP.
- Pronça, C. & Manique, A. P. (1990). *Ilustração Portuguesa*. Alfa.
- Ramos, R. coord., Sousa, B. V. & Monteiro, N. G. (2009). *História de Portugal*. A Esfera dos Livros.
- Ricoeur, P. (1987). *Teoria da Interpretação*. Edições 70 [original de 1965].
- Rodrigues, A. D. (1988). O acontecimento. *Comunicação e Linguagens*, 8, 9-15.
- Saldanha, A. M. (2018). O imaginário social na instauração da República em Portugal e na ditadura de Sidónio Pais: contrastes e aproximações. *Temporalidades — Revista de História*, 10 (1), 34-57.
- Saraiva, J. H. (2003). *História de Portugal. A Primeira República — Dos de outubro à crise partidária*. Vol. VIII. QuidNovi.
- Scheufele, B. (2008). Content analysis, qualitative. In W. Donsbach (Ed.), *The international encyclopedia of communication*. (Vol. III, pp. 967-972). Blackwell Publishing.
- Sousa, J. P. (1997). *Fotojornalismo performativo. O Serviço de Fotonotícia da Agência Lusa de Informação*. Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Sousa, J. P. (2008). Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974. In J. P. Sousa (Org.), *Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa. Perspetivas luso-brasileiras* (pp. 93-118). Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Sousa, J. P. (2013). *A Grande Guerra — uma crónica visual — Parte I: estudo do discurso em imagens da “Ilustração Portuguesa” (1914-1918)*. Media XXI.
- Sousa, J. P. (2017). *Veja! Nas origens do jornalismo iconográfico em Portugal: um contributo para uma história das revistas ilustradas portuguesas (1835-1914)*. Media XXI.
- Stephens, M. (1988). *A history of news. from the drum to the satellite*. Penguin Books.
- Telo, A. J. (2011). *A Primeira República: como cai um regime*. Presença.
- Traquina, N. (2002). *Jornalismo*. Quimera Editores.
- Villafañe, J. & Mínguez, N. (2002). *Principios de la Teoría General de la Imagem*. Pirámide [original de 1996].
- Vilchez, L. (1997). *Teoría de la imagen periodística*. Paidós.
- Wimmer, R. D. & Dominick, J. R. (1996). *La investigación científica de los medios de comunicación. Una introducción a sus métodos*. Bosch.
- Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação*. Editorial Presença.
- Zelizer, B. (1993). Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. *Comunicação & Linguagens*, 27, 33-61.